

CULTURA, MEMÓRIA E IDENTIDADE CULTURAL NO POVOADO DE LAGOA D'ÁGUA EM FEIRA DE SANTANA -BA: dos anos 50 aos dias de hoje

Culture, memory and cultural identity in the village Lagoa D'Água in Feira de Santana-BA: 50 years to today

Robson Clei Santos Lopes¹
Karine Teixeira Damaceno¹

Resumo: O Povoado Lagoa D'Água no noroeste do Município de Feira de Santana/Bahia, distrito de Jaguara – o mais afastado da sede – ainda guarda traços culturais genuinamente sertanejos manifestados principalmente através da música. Este trabalho busca conhecer a cultura dita “popular” e entendê-la melhor à luz de alguns conceitos como: memória cultural, memória coletiva, oralidade, pertencimento, identidade cultural, patrimônio cultural, lugar, idades míticas e história. Em parte, esse esforço de entendimento nasceu da necessidade de poder lidar com o surgimento de um “grupo cultural” de motivação “preservacionista” do forró pé-de-serra naquele povoado, em abril de 2012. Por isso mesmo, sua base é a observação e o convívio com os moradores: principalmente as memórias de seus membros mais idosos. Daí, registramos uma cultura muito rica, repleta de memórias “mágicas” ou “magicalizadas”; num adiantado processo de transformações provocadas a partir, principalmente, dos anos 50 do século passado, por força de uma condição natural: a seca, e, pelo fluxo normal da história. Incluindo-se nele, os avanços do capitalismo e seus desdobramentos para a cultura do Povoado.

Palavras-chave: Cultura. Memória cultural. Manifestações culturais.

Abstract: The Village Lagoa D'Água in the northwest of the city of Feira de Santana / Bahia still has genuinely cultural traits manifested mainly through music. This work seeks to know this so-called culture "popular" and understand it better in the light of some concepts such as cultural memory, collective memory, orality, belonging, cultural identity, cultural heritage, place, age and mythical history. In part, this effort of understanding was born of a need to cope with the emergence of a "cultural group" motivation "preservationist" and “forró pé-de-serra”, in that town, in April 2012. Therefore, its base is the observation and interaction with the locals: mainly the memories of their older members. Hence we recorded a very rich culture, full of memories "magical" or "magicalizadas"; in advance process caused changes from mainly the 50s of the last century - by virtue of a natural condition: dry - and at normal flow of history. If including it, the advances of capitalism and its impact on the town culture.

Keywords: Culture. Culture memory. Culture manifestations.

Introdução

Este é um trabalho na área de concentração História Regional. Seu ponto de partida foi a **dificuldade** e o **incômodo** de entender e de lidar com os problemas verificados com a criação de um grupo cultural a que, sem saber ao certo o que diziam, rotulamos como “cultural”. O grupo nasceu “de fora para dentro” por impulso de duas pessoas (uma delas, o autor deste trabalho) penalizadas em ver o forró pé-de-serra acabar. A enorme contradição entre os problemas, a descrença, uma estranha sensação de “vazio de significado” e, uma enorme riqueza cultural verificada através do convívio e das histórias dos moradores inquietava e exigia respostas. Parecia-nos querer estar a ressuscitar alguma coisa que se houvera perdido no tempo. Por que aquele abismo entre herança cultural e presente? Por que ainda havia sanfona e forrozeiro e não

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - nº 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: www.uniassevi.com.br

mais havia forró? Por que as rezadeiras praticamente desapareceram? Por que os rapazes nunca chamavam as moças para dançar, só assistiam desconfiados? Por que as festas (ou “brincadeiras” como eles chamam) sumiram? Valia a pena tentar ressuscitar o forró pé-de-serra local? A mentalidade preservacionista não respondia a todas essas questões. Daí, partimos para buscar entender: O que é mesmo “cultura popular”? Qual é mesmo o sentido de “cultural”? Quais os fundamentos de uma cultura? Que caminhos trilhou aquele povo; a que pressões naturais, históricas e econômicas foi submetido?

A partir dos dados obtidos nas entrevistas com moradores, tomamos como referência inicial os anos 50 do último século (época em que os últimos sanfoneiros e tocadores de cavaquinho eram meninos). Assim, iniciamos o trabalho buscando os conceitos teóricos de memória, pertencimento, lugar, identidade, história. A seguir, coletamos histórias do “mundo mágico” ou “magicalizado” dos moradores, onde está bem expressa a herança cultural. Num segundo momento, fizemos um levantamento das manifestações culturais e sua trajetória até aqui, passando pela experiência recente da criação de um grupo “cultural” no Povoado.

As noções de pertencimento, memória, identidade, lugar e história

Cultura tem a ver com noções de: **memória, pertencimento, identidade, lugar e história**. Goody (1977, p. 35 apud LE GOFF, 2003, p. 421), um estudioso da memória, afirma: “em todas as sociedades, os indivíduos detêm uma grande quantidade de informações no seu patrimônio genético, na sua memória de longo prazo e, temporariamente, na memória ativa”. E, o filósofo conservador Roger Scruton (1986, p.156 apud HALL, 2006, p. 48) argumenta que:

A condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar.

Essa noção de pertencimento remete-nos a outra ideia: a de nação, relacionada à temática da memória. Renan (1983, apud FARIAS, 2011, p. 30, grifos nossos) afirma que “a existência de uma nação importa a **lembrança** daquilo que seus membros compartilham e deliberam como centrais ao **pertencimento** comum ao ente pátrio”. Ainda, segundo Setubal (2008):

A sociedade contemporânea, complexa e globalizada, é atravessada por processos sociais, tecnológicos, econômicos multideterminados, e é na esfera local que esses processos acontecem concretamente. Portanto, cada lugar contém elementos do global e, ao mesmo tempo que dialoga com eles, reorganiza-se com base em características próprias [sua cultura], [...] O patrimônio cultural diz respeito aos legados das gerações anteriores que fazem com que as pessoas sejam da maneira que são; eles formam os modos de falar, de vestir, comer, morar, festejar, construir, rezar, casar. Pela transmissão de seu patrimônio cultural, os membros de um grupo se reconhecem nas gerações anteriores, das quais receberam essa herança repassada à geração seguinte. [...] Por meio da partilha de um patrimônio cultural comum, as pessoas sentem-se pertencentes a um lugar, a um grupo, a uma história. A valorização das histórias, memórias, saberes e fazeres locais permite que crianças, adolescentes e jovens se reconheçam nessa história, possibilitando-lhes a articulação entre passado e presente e entre o local e o global.

Em Lagoa D’Água, nos feriados da Semana Santa, São João ou Ano Novo, pode-se constatar perfeitamente esses fenômenos da cultura. Por conta das fortes e contínuas emigrações, há hoje uma enorme quantidade de gente (nascida ou descendente de nascidos naquela

região) residente em Candeias (região metropolitana de Salvador), São Paulo e Rio de Janeiro, além, é claro, da maioria morando na periferia de Feira de Santana. É comum eles se organizarem para vir todos juntos nessas datas: fazem um futebol entre os moradores de agora e os migrantes. É uma festa: há os encontros; as memórias; as retroalimentações; trazem e levam; misturam-se os tempos; interagem o local e o global. Pode-se observar que não há uma tentativa de consertar o passado, reverter os destinos, reinventar o tempo, mas pode-se apreender no ar e perceber no rosto das pessoas (os daqui e os chegados) um alegre contentamento por estarem “bebendo” todos numa fonte comum. Por fim, como sugere Jacques Le Goff (2003, p.18), a “substância” da história pode ser dividida em três: a procura das ações realizadas pelos homens, aquilo que os homens realizaram e a narração – que pode ser com base na ‘realidade histórica’ ou puramente imaginária”.

Carneiro de ouro, toca do fulô, botijas e outras histórias

Vistas essas considerações teóricas, convidamos o leitor a entrar num “mundo mágico”: os dois “contadores-condutores” são Seu Gilberto² e D. Maria³; o local é o terreiro de sua casa no Povoado de Lagoa D’Água (que ela muito orgulhosamente diz ter sido conseguida graças a uma promessa de dar caruru para São Cosme e São Damião, promessa essa que ela cumpre há 52 anos, e à venda de muita cocada de licuri); a hora é à boquinha da noite e o dia dessa “viagem” é 20 de abril de 2014: um Domingo de Páscoa. E isto só foi possível por causa da reunião de filhos, nora, e outros parentes e amigos que vieram passar o feriado da Semana Santa com ela. Neste mundo interessa menos a labuta do dia a dia, os conflitos e as paixões do presente. Importa muito mais um passado “mágico” ou “magicalizado” pelo encantamento, pela imaginação, poesia, medo, interrogações, pela fantasia. Esse mundo acontece no tempo e lugar da ancestralidade, do primordial, do divino, do mágico. Porém, jamais no lugar e no tempo da ficção. Todas as histórias contadas são absolutamente vivas e reais. A “viagem” começa pela história do Carneiro de Ouro:

Maria: – Eu vi foi um cordão: pegava lá do ‘Quiji’ até uns certos ‘mei’. Ninguém sabe de onde vinha. Foi Giberto, ‘Pêdo’, tudo ‘pá’ vê. A coisa mais linda! Quando chegou lá... desapareceu.

Gilberto: - É de ouro, ‘incantado’! É vivo. Mudava de lugar. ‘Avoava’, assim; ele pulava daqui ‘p’aquela’ serra lá. Ia bater lá na outa – da Queimadinha. Tinha as quadra de tempo. Teve uma vez que saiu dali, oh! [aponta para o lugar] de Joaquim Braga. Clareou! Abriu aquele fogaréu que parecia um dia. Se a pessoa tiver com a espingarda, diz que se a pessoa atirar, ‘disincanta’. Diz que se a pessoa for perto, cortar o dedo e pingar três pingos de sangue também ‘disincanta’... [interrompido por D. Maria]:

Maria: - não vai esperar... espera é dangol!⁴

Gilberto: - É muita sorte... Eu sei te dizer que na serra tem essa história. [Seria muita sorte lograr, tocar o intangível; desencantar e possuir o Carneiro de Ouro].

E por aí foi, horas de histórias (vistas, vividas ou ouvidas), de gente que à noite, na serra caçando, teve a sorte de bater numa botija de ouro⁵ (“diz que outro, foi um cacho de banana de ouro; a coisa mais linda! Saía lasca de fogo!”); de luz que aparecia e clareava tudo; de “visagens”⁶ e de alma penada⁷ que vinha oferecer botija etc. Essas narrativas são encantadas. Mas, são

² Gilberto de oliveira, 72 anos entrevista realizada 20/04/2014.

³ Maria Sebastiana de Jesus Santos, 81 anos entrevista realizada 20/04/2014.

⁴ Dangol significa nunca, jamais.

⁵ botija de ouro: tesouro enterrado que os mortos vêm mostrar aos vivos.

⁶ visagens: visagens, aparições sobrenaturais, fachos de fogo, animais encantados etc.

⁷ alma penada: aparições de gente que já morreu

ao mesmo tempo, impregnadas do real. A história contada ou vivida está cheia de detalhes da vida individual e social. Jamais são vistas como inverossímeis, exageros, jactância pessoal. Ao contrário, as pessoas têm coisas a acrescentar, muito mais com o fim de referendar do que de corrigir possíveis falhas ou lacunas. Elas servem para reforçar laços afetivos ou de parentesco. Estimulam o instinto gregário. Nelas, transitam o tempo todo passado e presente; o futuro parece sempre menos auspicioso; o passado é sempre a Idade do Ouro⁸, o paraíso perdido... Daí, referências recorrentes do tipo: “naquele tempo que Deus andava no mundo”; “ninguém sabe porque, mas que a coisa mudou, mudou!”; “acabou tudo” e tantas outras.

Ainda dentro dessa nossa “viagem” do lado das narrativas “magicalizadas”, seu Gilberto nos conta sobre a Toca do Fulô:

Conta que Fulô ‘matô’ o cidadão naquele tempo, e naquele tempo era castigado mesmo. Aí, ele correu e foi morar ali. [neste ponto, é ‘corrigido’ por D. Maria: ‘Não! Manezinho correu com ele de noite e levou ele pra lá.’]. Aí, meu tio, Manezinho da Queimada, levava comida pra ele. A nação do povo do passado era bicho! Naquele tempo era tudo mato. Aqui não tinha nada de descoberto, não. Ali, no minador de Silvestre – onde hoje é de ‘Zéu’, dos herdeiro – era cada um ‘calumbi’ dessa grossura, assim, chega caía e enramava pelo chão; lambe-beiço; ninguém entrava; fazia só aquelas vereda. Tinha samambaia, juazeiro; era cada catingueira, carrancudo, aroeira, baráúna, [...] Aqui já teve quixabeira de você ficar assombrado! Aqui, no fundo dessa casa aí onde papai morou, era cada tronco de juazeiro, pau-de-fuso, cipó verdadeiro, baráúna, quixabeira, todo tipo de pau [...] Era no tempo que vaqueiro pra correr com gado era todo encourado: era luva, era gibão, ‘peiteira’, cavalo bem arreado... Ah! Bom!... Naquele tempo pra sair daqui ‘pá’ ir ‘pá’ outro lugar era companheiro de onça. [D. Maria ouve, confirma; acrescenta detalhes puxados da memória. ‘Nêgo’, seu filho, pergunta onde fica essa Toca do Fulô...] Fica ali; entre aquele ‘córgo’ de pau alto, entre uma cabeça de morro e outra. É ali, à direita, onde era a ‘charca’ de Agnelo ‘véi’. É na cabeça do morro onde dá ‘pá’ vê, do outro lado, a casa ‘véia’ de ‘Antõe’ de ‘Tóti’. [...]

Figura 1. Casa velha de túnica



Fonte: O autor (2012)

⁸ Idade do Ouro: idade mítica. “Para dominar o tempo e a história e satisfazer as próprias aspirações de felicidade e justiça ou os temores em face do desenrolar ilusório ou inquietante dos acontecimentos, as sociedades humanas imaginaram a existência, no passado e no futuro, de épocas excepcionalmente felizes ou catastróficas e, por vezes, inseriram essas épocas originais ou derradeiras numa série de idades, seguindo uma certa ordem. [...] A época primitiva – quer o mundo tenha sido criado ou formado de qualquer outro modo – é imaginada como uma **Idade do Ouro**. A ela, segue-se lhe um período de decadência que – por vezes, as religiões perspectivam outra idade feliz, no fim dos tempos, quer como o tempo da eternidade, quer como a última época antes do fim dos tempos.” (LE GOFF, 2003, p. 283-284, grifo do autor).

Neste ponto, merecem ser lembrados Le Goff (2003), quando tratando de “memória étnica” prefere reservar o termo “memória coletiva” para os povos sem escrita, e Goody (1977) ao nos advertir de que a memória transmitida nas sociedades sem escrita não é uma memória palavra por palavra. Ao estudar o mito do Bagre, do povo lodagaas, do norte do Gana, ele observou diversas variantes nas diversas versões do mesmo; e concluiu que, nesses casos, a memória “palavra por palavra” aparece como menos útil, menos apreciável do que o fruto de uma invocação inexata. (GOODY, 1977, p. 38 apud LE GOFF, 2003, p. 425-426).

Assim, neste caso das histórias “mágicas” ou “magicalizadas” encontradas entre moradores de Lagoa D’Água, percebe-se que importa menos se foi uma botija de ouro ou se foi um cacho de banana de ouro; se Fulô conhecia a Toca ou se por si buscou refúgio ali ou se foi Manezinho da Queimada quem o escondeu lá. O que importa mesmo, nas palavras de seu Gilberto, é que: “Eu sei te dizer que na serra tem essa história”. Ou “Conta que... Fulô matou um homem e se escondeu naquela Toca”, que ele conhece, sabe onde fica, já foi lá, já levou pessoas lá etc.

Por isso, Le Goff (2003) fala em reconstrução gerativa, ou seja: que gera, que vai se reconstruindo, porém sem perder a essência da história. Poder-se-ia aqui questionar: Mas essas pessoas vivem numa sociedade “com escrita”? Lembremos o fato de que muitos moradores idosos (como seu Gilberto, D. Maria e tantos outros) não são alfabetizados. Aliás, esses são os que mais conhecem e valorizam essas histórias. Eles não estão à margem da sociedade, podem gozar até de grande prestígio social, advindo menos de riqueza econômica e mais de um “*status* de cultura” conferido pela idade, memória, “conhecimento mágico”⁹.

Ela foi parteira por muitos anos: cada menino ou menina que foi “pego” por ela a chama por “Mãe Maria” e lhe toma a bênção.

Observando o grande número de histórias no povoado, acreditamos que pela histórica ausência da escrita (entendendo-se aqui como a alfabetização e o ensino), elas assumem essa característica de mais liberdade e mais possibilidades criativas, mais próprias das sociedades sem escrita.

A “viagem” prossegue, passando por segredos e mistérios de antigas fazendas, como a “Lagoa” e “Algodão” com um passado nebuloso de histórias de escravidão, grossas correntes, castigos, mortes, quartos secretos, coisas esvaídas pelo tempo; como podemos depreender desse trecho da fala de seu Gilberto:

Muitas pessoas de idade que ainda alcançou a escravidão, os familiares contam que ouviam dizer que era comprado mesmo! ‘nêgo’, ‘nêgo’ escravo; que surrava, usava até matar. Aqui mesmo nos Algodão, tem um tanque, de pedra, que foi cavado no tempo da escravidão... Só que hoje, nós ‘pensa’ que estamos ‘liberto’. Mentira! Estamos numa escravidão ‘miserável’! Escravidão de segredo! Como estamos mesmo! Debaixo de pé de político! Eles fizeram a merda tão bem traçada, tão bem amarrada [...]

Nesse ponto, rola uma discussão acerca de liberdade, direito e cidadania nos dias de hoje: não há consenso se ficou melhor ou se piorou. Sua narrativa passa pelas caçadas, pelos usos e costumes, remédios (carne de sagui para quem sofre de coluna... ou de dor de barriga... há controvérsias...) passa pela história do carro-de-boi que ficou para sempre debaixo d’água, dentro do Tanque da Lagoa... Conta-se que, numa seca, no tempo dos escravos, estava-se tirando a lama do tanque: no braço, na picareta, cesto, banguê, carro-de-boi... aí, de noite, deixaram o carro-de-boi “dormir” dentro do tanque. Caiu uma trovoadas que o tanque sangrou¹⁰! E o carro-de-boi ficou para sempre debaixo d’água... Passa também pelas crenças religiosas. Eis um bom exemplo:

⁹ Conhecimento mágico: em oposição ao conhecimento dito racional, científico.

¹⁰ Sangrou: encheu, transbordou.

É assim mesmo, o Diabo é ousado, ‘incucado’, tudo enfim. Diz que ele chamou Jesus a uma aposta: que no fim do mundo ia ganhar mais alma que Jesus Cristo. Aí, Jesus Cristo perguntou: - Com que ‘pudê’ Demônio? - Usando teu nome! É assim, é sujeito mesmo! É o inimigo, é cheio de coisa, é cheio de estratégia!

É história que não acaba mais... o ar é solene, a alma quieta, as atenções estão inteiras. É um momento ritual, sagrado!

A memória cultural é constituída, assim, por heranças simbólicas materializadas em textos, ritos, momentos, celebrações, objetos, escrituras sagradas e outros suportes mnemônicos que funcionam como gatilhos para acionar significados associados ao que passou. Além disso, remontam ao tempo mítico das origens, cristaliza experiências coletivas do passado e pode perdurar por milênios. [...] a memória cultural é ‘a faculdade que nos permite construir uma imagem narrativa do passado e, através desse processo, desenvolver uma imagem e uma identidade de nós mesmos’. (ASSMAN, 2013).

Bem ilustrativa a afirmação de Assman, esses suportes de memória funcionam como “gatilhos para acionar significados”, foi o que ocorreu durante os preparativos para a comemoração dos dois anos de criação do Grupo Cultural Lagoa D’Água¹¹, um dos participantes do Grupo decidiu usar dois pilões velhos achados à toa no quintal da casa de seu Pedro, para decorar o palco improvisado para o forró, na rodoviária¹² de seu Luiz. Como o pilão estava exposto ao tempo há anos, precisou ser raspado de facão, lavado, escovado, lixado e envernizado. Enquanto o serviço de restauração era feito, seu Pedro passava e fitava em silêncio. De repente, iniciou uma narrativa emocionada da história daquele pilão: fora feito de um amargoso “dessa grossura”; o pau (a árvore) fora derrubado de machado lá, naquela “sentada” da Serra Grande (aponta o lugar na serra ao fundo da casa); o pau fora rolado cabeça a baixo por ele e outro compadre, carregado até aqui... Ia-se botando fogo e cavando de facão e machado até virar um pilão; deu três – dois ficara pra ele e o outro ficou para o compadre... enquanto falava, o semblante era sério, a voz carregada. Junto com a história do pilão, vieram mais um monte de outras lembranças daquela época e considerações sobre seu presente, já fizera não sei quantas roças nas terras dos outros (Fazendeiros), já arrancara muito toco, já desmatara muita terra, já plantara muita roça de milho e feijão, já andara por esse mundo todo, pro Reconco, pro Sul¹³; já correrado muito leilão, fizera muita festa... hoje já não presta pra mais nada: está velho, enxerga quase nada.

¹¹ Grupo Cultural Lagoa D’Água: grupo criado no dia 5 de abril de 2012 com o objetivo de conhecer, juntar, estimular pessoas mais velhas que ainda soubessem cantar e tocar forró pé-de-serra; viabilizar com instrumentos, promover apresentações locais e, posteriormente atrair os mais jovens. A motivação inicial era a de preservação.

¹² Rodoviária de seu Luiz: varandado ao lado da venda de seu Luiz que o povo se senta para esperar o ônibus que faz linha para Jaguará e Feira de Santana (sede do Distrito e do Município, respectivamente). Com a criação do Grupo Cultural, o local passou a ser usado também para a apresentação dos forrós.

¹³ Reconco e Sul: referindo-se ao Recôncavo da Bahia, para onde ia muita gente daqueles sertões, fugindo da seca ou em busca de trabalho na lavoura da cana-de-açúcar. E ao médio sul da Bahia, para trabalhar na lavoura de cacau.

Figura 2. Os pilões de seu Pedro. (da esquerda para a direita: seu Luiz, seu Pedro e seu Gilberto)



Fonte: O autor

O que é mesmo cultura popular?

Arantes (1990, p. 7) afirma que a cultura popular “está longe de ser um conceito bem definido pelas ciências humanas e especialmente pela Antropologia Social, [...]. São muitos os seus significados e bastantes heterogêneos e variáveis os eventos que essa expressão recobre”. Tanto que ele chega a indagar sobre a conveniência (ou não) de se continuar usando-a como rótulo identificador de “não se sabe bem o quê” e se propõe a desmanchar “esse objeto ilusório que Antonio Gramsci denominou, nas suas ‘Observações sobre o Folclore’, de ‘aglomerado indigesto de fragmentos’” (ARANTES, 1990, p. 22). Ele ressalta a dissociação nas sociedades industriais, sobretudo nas capitalistas, entre o trabalho manual (associado ao fazer, ao povo) e o trabalho intelectual (associado ao saber, ao culto). O trabalho intelectual seria superior ao manual e fazer seria um ato popular e naturalmente desprovido de saber. Segundo ele, essa dissociação é falsa, serve à manutenção da estrutura de classes sociais, pois justifica que uns tenham poder sobre o labor de outros e teriam nascido num momento preciso da história (a Revolução Industrial) e se aprofundado no Capitalismo, como decorrência de sua organização interna: capital *versus* trabalho. Sobre isso, Thompson (1998, p. 13) afirma que:

A tendência dos historiadores dedicados ao estudo dos séculos XVI e XVII é ver o século XVIII como uma época em que os usos costumeiros se encontravam em declínio, juntamente com a magia, a feitiçaria e superstições semelhantes. O povo estava sujeito a pressões para ‘reformatar’ sua cultura segundo normas vindas de cima, a alfabetização suplantava a transmissão oral, e o esclarecimento escorria dos estratos superiores aos inferiores, pelo menos era o que se supunha. Mas as pressões, em favor da ‘reforma’ sofriam uma resistência teimosa; e o século XVIII viu abrir-se um hiato profundo, uma profunda alienação entre a cultura patriciana e a da plebe.

Vale ressaltar que Thompson, diferentemente dos outros historiadores, defende a tese de que “a consciência e os usos costumeiros eram particularmente fortes no século XVIII.” O distanciamento entre a cultura da plebe e a das camadas superiores da sociedade teria provocado como uma de suas consequências, “o surgimento do folclore como uma investigação da ‘Pequena Tradição’ plebeia, registrando seus estranhos hábitos e ritos”. (PETER BURKE, 1978 apud THOMPSON, 1998).

Arantes (1990, p. 15) afirma ainda que: “Um grande número de autores pensa a cultura popular como folclore, ou seja, como um conjunto de objetos, práticas e concepções (sobretudo religiosas e estéticas) consideradas tradicionais [...]” sendo que outros consideram “essas manifestações culturais tradicionais como resíduo da cultura culta de outras épocas (às vezes, de outros lugares), filtrada ao longo do tempo pelas sucessivas camadas da estratificação social”; e que dessa forma seu auge teria se dado sempre no passado e só poderia ser interpretada no presente como curiosidade. Resumindo, considera equivocadas essas concepções que, segundo ele, poderiam ser condensadas pelas seguintes frases: o povo não tem cultura ou a cultura popular são as nossas tradições e, vê assim a cultura:

Cultura é um processo dinâmico; transformações (positivas) ocorrem, mesmo quando intencionalmente se visa congelar o tradicional para impedir a sua ‘deterioração’ [ou desaparecimento]. É possível preservar os objetos, os gestos, as palavras, os movimentos, as características plásticas exteriores, mas não se consegue evitar a mudança de significado que ocorre no momento em que se altera o contexto em que os eventos culturais são produzidos. Para que se entenda isso, é preciso que se pense a cultura no plural [‘as culturas’] e no presente [‘aqui e agora’] e que estejam em constante transformação. (ARANTES, 1990, p. 21).

Ainda assim, permanece o impasse, segundo ele insolúvel: Como aceitar a recorrência e a força simbólica dos modos populares de expressão, sem comprometer a supremacia do saber das elites cultas?

Pitombo (2011, p. 89-90) afirma que: “Um dos traços irrefutáveis do presente é o crescente protagonismo que a cultura vem assumindo como instância de legitimação das práticas sociais”. Pitombo tem sua teoria sustentada na visão de outros autores, como Lourdes Arizpe (2001) que vislumbra a cultura como vetor de desenvolvimento, sustentabilidade e governabilidade no século XXI, ou Samuel Huntington (1997) que prevê em tom mais apocalíptico a cultura como a principal fonte de conflitos, intolerâncias e choques civilizacionais.

A cultura popular de Lagoa D’Água: o forró pé-de-serra e outras manifestações

O povoado Lagoa D’Água era antes conhecido como a “Pinicaria” por ser um lugar onde se consertava pinico, bacía etc. Hoje, por conta dos impactos da modernização os moradores se sentem meio desconfortáveis com o nome original.

Nascido aos pés da Serra Grande era uma antiga estrada boiadeira, que vinha de várias regiões do interior dos sertões em direção ao atual distrito de Maria Quitéria, para daí chegar às Feiras de Gado de Conceição da Feira e Cachoeira, e posteriormente Feira de Santana. Região encravada entre serras e os rios do Peixe e Jacuípe, de clima semiárido e caatingas (hoje restam bem poucas áreas com a vegetação original, derrubada para dar lugar a pastos) sempre viveu em função do gado, toda sua cultura gira em torno do universo do gado, da seca, do vaqueiro e do fazendeiro. Hoje ainda, mesmo com as transformações profundas sofridas por um processo de modernização, basicamente são estes quatro elementos (naturais e humanos) que definem os traços culturais e o imaginário dos seus habitantes. Até porque, apesar de vaqueiro e fazendeiro terem se modificado imensamente, os outros dois elementos: gado e seca persistem inalterados. As comunidades vizinhas são: Rio do Peixe, Serra Branca, Riacho do Ouro e Lagoa do Mocambo. É nesse universo onde floresceu uma cultura popular bonita, manifestada principalmente através da música (e suas letras) no forró pé-de-serra à base de sanfona, zabumba, triângulo e pandeiro, nas chulas e no Samba Brasileiro, nos Ofícios de Finado, nas rezas dos Carurus de Promessa de São Cosme e São Damião, nos Sambas de “Cabôco”, nos Reis Roubado, no aboio

do vaqueiro, nas batatas de milho e feijão. A história do lugar passa por anos importantes para seu destino, como:

- A descoberta de petróleo em Candeias, em 1941, e a construção da Refinaria Landulfo Alves, em Mataripe, concluída em setembro de 1950, atraindo gente que foge das constantes secas e buscam melhores condições de vida.
- A chegada da radiola no local, anos 70.
- O começo do Caruru de Promessa de D. Maria, em 1962, fato positivo, pois ajudou a manter as relações socioculturais do lugar.
- O Golpe Militar de 1964 e suas implicações econômicas e sociais, com a aceleração das migrações para São Paulo.
- A morte de Tunica¹⁴, em 1988.
- A chegada da “Luz Elétrica” em 1989, quando o lugar era ainda simplesmente roça.
- O surgimento do Povoado¹⁵, em 1990, fato que alterou definitivamente o modo de vida das pessoas.

O forró pé-de-serra de Lagoa D’Água é literalmente pé-de-serra, dado a sua localização, ao pé da Serra Branca. Era romanticamente chamado de “Brincadeiras”, tinham um caráter social e lúdico. O traço mais marcante é que era feito dentro das casas. Segundo seu Pedro Menezes de Jesus, 89 anos, casado com D. Maria, aposentado como lavrador rural, morador antigo do povoado, bom cantador, conhecedor de chulas de samba, ficou famoso como bom puxador de leilão.

‘Cumpade’ Tonica, em vida, fazia forró ‘quasemente’ todo dia. O povo saía: um forró na casa de Tonica! Era violão, era harmônica¹⁶ pé-duro... aquela pequena, de Gilberto. [...] fazia uma brincadeira na casa de uma pessoa, não se cobrava ingresso. As pessoas gostavam da folia. Fazia uma brincadeira. Vendia cocada de licuri. O pessoal sabia brincar, o pessoal era mais atencioso. Hoje em dia só tem ‘mulequeira’. Era um forró trincado¹⁷. [...] Era ‘camin-de-roça’. Ia todo mundo: velho, moças, menino, todo mundo.

A alternância desses forrós na casa de compadres tinha uma importante função mantenedora da estrutura familiar e social. Essas festas não aconteciam em clubes ou casas de *show*, tampouco eram espetáculos de rua como as atuais festas ditas “Populares”, do tipo Festas Juninas, Micareta ou Carnaval. Nem como as comercialíssimas Festas de Camisa da chamada “Indústria Cultural” de hoje em dia. A forma como era chamada - “Brincadeira” – era muito apropriada; até se arrumava um jeito de cobrar um ingresso, mas não tinha a natureza industrial, comercial, capitalista das festas de hoje. A festa não era produto de consumo. Hoje, já não há mais ambiente para isso, só é possível nas Vendas dos povoados: assumiu ares de espetáculo porque foi destituído de sua natureza original, de manter e reforçar vínculos familiares e sociais. Hoje, requer um aparato

¹⁴ Tonica: Antonio Ribeiro da Silva, pai dos dois atuais sanfoneiros remanescentes: Luiz de Oliveira e Gilberto de Oliveira. Todos os relatos falam que era um sujeito muito festeiro; possuía uma sanfona pé-de-bode de 4 baixos. Influenciou. Fez seguidores. Era também conhecido por “Pai Vé”; tinha uma vendinha e consertava pinico, candeeiro, bacia de zinco – daí o nome do lugar: Pinicaria, lugar na beira da estrada onde se deixava pinico para consertar.

¹⁵ Curiosamente, o povoado nasceu da fuga para São Paulo: Antonio, filho de Tonica, nos anos 90, de retorno definitivo a sua terra de origem, volta com uma imagem de Nossa Senhora Aparecida na bagagem e a firme decisão de construir uma capela e formar um povoado, dividindo-se a parte da terra dos pais Tonica e Natalina (falecidos) que dava para a Estrada Boiadeira. Dos quatro herdeiros: Antonio, Gilberto, Luiz e D. Maria (afilhada e filha adotiva), Antonio e Luiz tinham lotes a vender. Antonio era pedreiro e, ele mesmo começou a construção da Capela. Não é nenhum exagero afirmar que o verdadeiro fundador do povoado Lagoa D’Água foi Antonio Oliveira da Silva, o filho de Tonica.

¹⁶ Harmônica: sanfona de 8 baixos, sem teclado, conhecida como pé-de-bode ou pé-duro. Atualmente só temos conhecimento de três na região: a de seu Gilberto e a de seu Rosalino (ambos da Pinicaria) e a de D. Dalvinha, da Queimada (nome do lugar).

¹⁷ Trincado: havia bastante, havia com muita frequência.

elétrico de som (caixa de som amplificada, microfones, eletrificação da sanfona etc.), segurança, divulgação, custos com pagamento de sanfoneiro ou zabumbeiro. Tudo isso decorre, principalmente, do fato de as pessoas não estarem mais dentro da festa, dentro da brincadeira, elas estão assistindo. No máximo, elas dançam, participam de algum modo. Mas, não estão dentro, porque não estão dentro da casa de alguém. Isto implica grandes mudanças de comportamento, de valores, de símbolos sociais. D. Maria conta como eram feitas as festas:

Eu e Padrinho (Tonica), a gente organizava uma brincadeira, fazia uns cravo (numa simbologia alusiva ao par romântico – o cravo e a rosa - eram feitos cravos de papel de seda que funcionavam como os ‘ingressos’ e eram vendidos aos homens), corria leilão, vendia cocada de licuri; e a gente brincava até de manhã! Já fiz muita festa! Era muito bom! A gente dançava arrasta-pé ou ‘camin-de-roça’, valsa, bolero, rancheira, suingue¹⁸.

Figura 3. Forró na casa de D. Maria no dia de São Pedro (o forró retornando para dentro da casa)



Fonte: O autor (2013)

O Forró ou Brincadeira, assim como os demais eventos, era espaço e expressão das relações sociais, culturais e de poder. De fato, seu Pedro relata:

Hoje em dia as pessoas não são mais atenciosas como antes. Só querem saber de molequeira. Existe a droga. Existe a cachaçada. A dança de malandra, [...] O homem mais fraco daquela roça era eu... Fazia uma adjunta de gente; era 10, 12, 13, 14 pessoas. A ‘mudernage’ de hoje só quer saber de bater bola, jogar ‘sinuque’ e tomar guaraná. Você não vê um ‘moderno’ daquele saber uma chula de samba, dizer: ‘Vou juntar uns amigos pra fazer uma roça [...] Se os velhos não fizer ninguém mais faz’. Existe a Bolsa Família; a Aposentadoria; a Leitura... quem lê, quem estuda, não quer trabalhar.

É também muito interessante notar que trabalho, religiosidade e festa não estavam dissociados. Tanto que ele relata assim o Reis Roubado¹⁹ e outros eventos:

Levava um Rei na casa de fulano; chegava na porta de noite, soltava foguete. Puxava a sanfona, pandeiro, violão. Juntava aquele batalhão de gente... cantava o Reis. Depois

¹⁸ Suingue: segundo D. Maria, era uma dança em que, alternadamente, o cavalheiro mostrava o pé para a dama e a dama mostrava o pé para o cavalheiro.

¹⁹ Reis Roubado: manifestação com música e samba em louvor aos Reis Magos da Lapinha (presépio) que é levado à casa de uma pessoa sem ela saber, no mês de janeiro (dia 6 de janeiro é o Dia de Reis).

rolava o samba e o forró. [...] A bata de milho – de noite, lua bonita, cantando roda, modinha; tomando café... A Bata de feijão era igual a ‘Boi Roubado’²⁰; era de dia; não havia máquina. Era Batedor e ‘Beatadeira’²¹. [...] Raspa de mandioca²² era diferente de Cantoria.

Se o forró estava ligado à diversão e às relações sociais, o aboio (assim como as chulas) estava ligado ao trabalho. O aboio do vaqueiro é uma música singular: estilo arrastado, meio doloroso, profundo, parece sair das entranhas, de grande intensidade sonora. Sua função inicial era tocar o gado. Tornou-se a expressão da vida: fala da seca, do gado, do trabalho, das festas, do fazendeiro, da vida de vaqueiro, de amores proibidos e de tudo mais. Alvarenga (1938, p. 263 apud MAURÍCIO, 2006, p. 17) afirma que “os aboios constituem um dos mais importantes grupos dos nossos cantos de trabalho rurais”. E acrescenta: “Com eles, os vaqueiros, especialmente do Nordeste e Norte, conduzem as boiadas. Dizem que não há gado bravio que, ouvindo-os, não se acalme e siga o boiador”. Sua base é o canto melódico da vogal fechada “ô” num sobe e desce solitário como de quem chama, evoca.

Em seu livro, *Dicionário Musical Brasileiro*, Andrade (1982, p. 1-2 apud MAURÍCIO, 2006, p. 16) compara o aboio a um arabesco, geralmente livre de forma estrófica; na maioria das vezes destituída de palavras, simples vocalizações interceptadas aqui e acolá por palavras interjetivas: “Êh! Boi êh boi! Ôh! Boi dá! Êh!”. De fato, o aboio, à moda de um arabesco, orna de forma rebuscada, repetitiva e harmoniosa basicamente duas vogais (*ê* e *ô*) e algumas poucas palavras (*boi, gado, manso, brabo*), transformando-as num canto mavioso. Ele é para o gado o “canto da sereia”, que seduz e arrasta. O aboio seria só para tocar o gado, mas toca profundamente a alma, porque é de lá que ele vem. Pude presenciar uma cena inesquecível durante o enterro de um dos últimos a serem tratados pelo título de Vaqueiro. Iraci, meu padrinho de batismo: um homem todo vestido de Vaqueiro (chapéu de vaqueiro, jaleque de manga comprida tipo gibão, perneira, bota e taca de vaqueiro, tudo de couro) de nome Zezé entrou na igreja e pediu para prestar uma última homenagem ao colega de profissão e puxou um aboio longo e solene. Sente-se um certo arrepio. Muita gente pôs-se a chorar. É uma música que toca fundo na alma.

De todas estas manifestações culturais, outrora frequentes no povoado, apenas o Caruru de São Cosme e São Damião persiste com certo vigor. Na comunidade de Morrinhos, perto dali, ainda parece estar mais forte e ainda mantém as características originais descritas por seu

²⁰ Tal qual o Reis Roubado, o Boi Roubado se dava sem o dono da roça saber. Geralmente era levado por um compadre, quase sempre mais fraco economicamente. Era uma espécie de arranjo da estrutura econômica e da sociedade de classes: o mais fraco que levava o “Boi” estava em verdade levando força de trabalho. O mais abastado, que recebia, tinha a obrigação social de oferecer fartura de comida e, por um dia ceder àqueles trabalhadores *status* de patrão. Alguns fazendeiros chegavam a matar um boi para dar comida a tanta gente. Chegava-se na roça antes do sol sair, soltava-se foguete anunciando. Mal clareou o dia começava-se o trabalho; num único dia a roça era feita: capinar, ciscar, cavar, plantar (milho e feijão). Mulheres e crianças participavam. Só ao cair da tarde, a comitiva dirigia-se a casa cantando ao ritmo do facão no olho de enxada e, era recebida pelo dono da casa (e da roça) na porteira de entrada. Uma bandeira branca (improvisada com uma toalha de mesa) enfeitada de flores do mato (conduzida por uma moça bonita) era passada ao “roubador” do boi numa simbologia de que “Seja bem-vindo. Pode entrar. A casa é nossa”. Aí rolava o samba. Naquele cenário, e por alguns instantes as fronteiras sociais e econômicas se relaxavam. Todos brincavam. O rigor sociocultural era momentaneamente esquecido.

²¹ Beatadeiras: a ruma de feijão na palha ia sendo batida com cacetes pelos Batedores cantando, ritmado e circulando; enquanto as Beatadeiras beatavam o feijão, ou seja, peneirando e suspendendo ao vento, separavam o grão da palha. Uma curiosidade: assoviar chamava o vento!

²² Raspa de mandioca: também raspar e moer a mandioca era um processo feito com música. A roda era ligada ao ralo por corda de couro. Girar a roda exigia força e música. O motor a gasolina, e depois a eletricidade, foram fatores que decretaram a extinção da raspa de mandioca original.

Pedro: “Depois que rezava a Ladainha²³, corria o Leilão. Depois comia o caruru e voltava a sambar.” Em Lagoa D’Água resta ainda uma tradição que não se tem conhecimento de haver existido, por exemplo, no vizinho Município de Santa Bárbara: é o Ofício de Finado, rezado aos 7, 14 e 21 dias. Não tem acompanhamento de instrumentos.

A longa marcha para a modernidade: a crise cultural chega ao povoado

Essas manifestações culturais sertanejas expressadas principalmente pela música popular, espontânea, não autoral, transmitida pela tradição oral e seus atores: sanfoneiros, cantadores, sambadores, rezadeiras têm sofrido grandes impactos, conforme vimos (e veremos ainda adiante) nos depoimentos de seu Pedro, D. Maria e outros moradores. Essas memórias só confirmam a constatação de Hall (2011, p. 232):

Na realidade, o que vem ocorrendo frequentemente, ao longo do tempo, é a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo. A ‘transformação cultural’ é um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas. Em vez de simplesmente ‘caírem em desuso’ através da Longa Marcha (o longo processo de transição para o capitalismo agrário, e mais tarde, para o capitalismo industrial) para a modernização, as coisas foram ativamente descartadas, para que outras pudessem tomar seus lugares.

Apesar disso, em Lagoa D’Água, a cultura popular teima em resistir a essas pressões e por vezes se expressa autêntica, como podemos ver nos elementos da Figura 4, abaixo: sambadores, sanfoneiros, a dona da casa, em pé, de branco, os 7 meninos e os 7 pratos de caruru, na esteira no chão, ao fundo o altar dos santos, bandeirolas.

Figura 4. Caruru de D. Maria



Fonte: O autor (2012)

²³ Ladainha: a Ladainha de Nossa Senhora, cantada em latim estropiado. Algumas mulheres gozam da fama de serem boas rezadeiras, isto porque a reza precisa ser “puxada” e respondida em coro pelos demais presentes. Reza-se também muitos “Benditos”, cânticos de louvor aos santos da Igreja Católica, a religião dominante (mais associada ao Fazendeiro). Entretanto, algumas pessoas “dá Cabôco”, isto é: incorporam entidades, especialmente o Boiadeiro. A origem, natureza e entendimento deste fenômeno é algo muito interessante, mas não cabe aqui esse estudo.

Adiante, trataremos um pouco mais de algumas transformações econômicas, de alguns fatores e de um longo processo de modernização que levaram a isto. Este saber fazer musical era adquirido pelo convívio com os pais e com os mais velhos no decorrer da própria vida. Não se ia a uma escola aprender cantar ou tocar. Aliás, geralmente não se ia a escola alguma. Não se pagava um instrutor para isso. Seu Luiz de Oliveira, 68 anos, relata como se tornou sanfoneiro:

Começou de meu pai, Tonica (Antônio Ribeiro da Silva). Ele tinha uma sanfona pé-de-bode 4 baixos e tocava um pouco. Naquele tempo, os baixos eram como uma colher... Você apertava e as 'colher' suspendia para deixar sair o som. Ele levava pras festas, pras rezas. Ele gostava de cantar! Meu irmão Gilberto dava a sanfona dele pra eu ficar pegando. Passei a "brungunzar"²⁴ nas festas. Cheguei a tocar com Luiz Gonzaga (ele já era velho) num circo em Jaguará. Me casei em 1972. Larguei. Vendi a sanfona. 'As festa acabou'... Chegou a radiola... Acabou mesmo.

Pelos relatos, pode-se ver que não se começava do nada. Pelo convívio, em algum momento, o gosto pela música era despertado. Seu Regis Antonio dos Santos, 79 anos, aposentado como operário urbano por doença laboral, conta:

Eu era menino, tinha um irmão mais velho que tocava cavaquinho. Eu tinha muita vontade de aprender, mas meu irmão não dava. Aí eu peguei um pedaço de tábua, amarrei uns atil²⁵ de badogue²⁶...Eu ouvia o cavaquinho dele; ia esticando a borracha até afinar o meu. Vez que eu pegava uma cabaça, um casco de cuia, botava seis cordas e fazia um violão. Fazia junto com minha irmã Nair (falecida). Ela também chegou a tocar violão. Fui indo, cheguei a tocar até em Trio Elétrico. Aqui na Pinicaria tinha um pretão, um negão de nome Manuel Pires muito bom de violão.

Todos os relatos começam sempre por: "Quando eu era pequeno meu pai me levava pras festas..." Genecarlos de Oliveira Lima, o único mais jovem, com 32 anos de idade, que está se firmando como zabumbeiro no Grupo Cultural Lagoa D'Água, conta como adquiriu o jeito para tocar triângulo: "Meu pai era sanfoneiro e me levava pras festas". Fica evidente que, sem a manutenção das situações onde esta música esteja viva, não se dará o despertar desse desejo; não ocorrerá este encantamento, este prazer. A sedução é cultural, afetiva e antropológica.

Alguns fenômenos merecem destaque por alterarem a conjuntura familiar, social, econômica e demográfica desta região, e por consequência os padrões e as manifestações culturais:

a) As secas cíclicas e a migração para São Paulo, há famílias inteiras que foram fugindo para São Paulo: um pioneiro foi levando os parentes até só restarem os pais e avós (os idosos).

b) A busca por Trabalho e melhores oportunidades também tangeu gente para o "Sul" (região cacauera da Bahia) e para o Recôncavo, a partir de 1941, com a descoberta do petróleo em Candeias, para trabalhar na construção da Refinaria Landulfo Alves.

Como as manifestações culturais nasciam principalmente dos modos de produção, essas fugas de gente, virando mão de obra de uma economia capitalista, foi esvaziando a população do lugar. Seu Pedro expõe isso com muita propriedade: "O pessoal foi acabando e apareceu esse negócio de máquina pra bater feijão. Batedor foi ficando difícil. Batadeira foi ficando difícil..." E se recorda de João Cardoso, um tio dele, sanfoneiro falecido, pai de Ioiô (já com mais de 90 anos, igualmente sanfoneiro e consertador de sanfona). Também Ioiô mudara-se para a cidade (Feira de Santana) há muitos anos. Outros progressos ou modernidades foram chegando: a luz elétrica; a implantação do poço artesiano e dessalinizador da água, telefone público, linha regu-

²⁴ Brungunzar: mexer; tocar sem ser profissional; atrever-se a fazer algo que não se tem experiência.

²⁵ Atil: atilho; tira de borracha que se usa para amarrar o bodoque; amarrilho.

²⁶ Badogue: bodoque.

lar de ônibus para a sede do município (antes, o transporte era raro ou só por tropa de animais), aposentadoria rural, escola de 2º grau na sede do Distrito e o transporte escolar, Bolsa Família.

Modernidade expressa determinada concepção do moderno, conceitualmente precisa e historicamente definida, exprimindo mudanças nas relações sociais e políticas de valores e comportamentos coletivos. Como substantivo foi concebido para designar a reação aos efeitos da revolução industrial sobre as manifestações culturais. Contrapõe-se ao ultrapassado, velho, antigo. Desdobrou-se de moderno, identificando o novo, o transformado ou o transformador [...]. (NEVES, 2002, p. 11).

O que passou a ser visto como “moderno”? Moderno era possuir uma vitrola e não precisar “fazer” a música: ela já poderia ser comprada pronta e se ouvir (“ser usada”) quantas vezes e na hora que bem se entendesse. Moderno era poder assistir à Copa do Mundo numa televisão-zinha preto e branco na Venda de Luiz. Moderno era comprar o fubá de milho pronto em Feira de Santana. Moderno era botar o filho pra estudar na cidade e escapar à sina sertaneja de tirar o sustento da roça, feita em terras do Fazendeiro, terras que não eram e nunca seriam suas. Era assim que funcionava: o Fazendeiro permitia ao pobre fazer uma roça em suas terras, em troca, ganhava a terra lavrada, sem custos, para a formação de pastos para a criação do gado. Falhando o inverno, pouco perdia o Fazendeiro... o pobre, passaria fome. E o ciclo eterno se repetia, “naturalmente”, ano após ano. Este universo fatalístico está bem expresso na composição de Melo (2014): GABRIELA (2º Canto de o Mendigo e o Cantador): “São treis sorte são treis sina / na istrada desse cristão / são treis irirmã granfina / e de punhal na mão [...] são treis sorte são treis sina/ ai pobre cantadô / são treis irirmã firina²⁷ / a Morte a Saudade a Dô [...]”. E, perfeitamente comprovado no relato, intercalando de largas risadas, quase debochado, de Seu Pedro:

Na seca de 32 (1932) eu já era nascido... Na seca de 32 eu já ‘tava’ arrancando ‘parmito’ de licuri... O que era o ‘parmito’? Era aquela ‘pindobinha’ mole; do olho, moinho. Eu era muito estripulento: pegava uma vara de cansa-cavalo (uma árvore), fazia uma cabeça, marrava um cordão e metia em cima das ovelha [...] O povo botava o nome em mim era Pêdo Malazarte. Não fica quieto. Estripulento. [...] Eu nasci aguado (raquítico). Era seco, ‘isbilitado’ (franzino, debilitado).[...] Minha mãe foi pra Anguera e comprou 10 litro de farinha. Botou uma panela d’água no fogo. Botou pra ferver. [...] Aí, escutei Inês dizer assim: “Ô, Marcelina! Pêdo tá lavado de suor... Deve ser da fraqueza, né...” Aí, escutei minha mãe dizer: “Meu ‘fio’ vai morrer...” Aí, fizeram uma panela de mingau. Tia Helena ainda aguentou levar na boca. Eu, era botando aqui pelo lado da boca e derramando pelo lado de outro. Lá vai. Lá vai. Lá vai... Então, diz o povo que meu nome não era Pedro. Então diz que Pedro não morre...Pra eu não morrer me botaram o nome de Pedro. E por isso me batizaram!

Vó Ana Barbosa Magalhães, completando 100 anos em outubro de 2014, também se lembra perfeitamente de todos aqueles tempos e faz um relato de sua retirada para buscar o sustento para os filhos no “Reconco” (onde trabalhou cortando cana na usina Botelho, Aliança e outras, seu Pedro também foi parar lá). De lá, ela foi parar (numa aventura dramática) em São Paulo, onde morou por muitos anos.

Retornando à ideia do “moderno”: também era moderno, novo, o pobre sonhar com uma casa de adôbo²⁸ e telha, em lugar da de taipa coberta de pindoba de licuri. Mais adiante,

²⁷ Irmã firina: são as três Parcas ou Deusas mitológicas: Cloto, Láquesis e Átropos, que fiavam, teciam e cortavam o fio da vida. Aqui, recebem os nomes de Morte, Saudade e Dô. Sorte, Sina – são imagens fortemente entranhadas na alma do sertanejo: assim como o sol inclemente, a crueza da vegetação, o passar dos anos, o desenrolar imutável da Natureza, a certeza da Morte... coisas a que não se pode escapar... A vida é uma estrada, uma ida ao encontro da Morte.

²⁸ Adôbo ou adobe: tijolo de barro seco ao sol; para dar liga, misturava-se bosta (ainda mole) de boi.

chegaria o bloco de cerâmica. Velho, era consertar pinico e candeeiro, havia os de plástico ou de alumínio. Velho era pisar pôni²⁹, torrar café, cozinhar em panela de barro, quando já havia as de alumínio e até a panela de pressão (inicialmente chamadas de “panela de presilha”). As “modernidades” apareceram numa velocidade estonteante: do candeeiro a querosene ao lampião a gás e à luz elétrica. Da geladeira a gás à atual. Da vitrola a pilha aos modernos equipamentos de som e imagem. Hoje, no Povoado, todas as casas têm o básico de toda casa da cidade: fogão a gás, geladeira, telefone (mesmo com o sinal péssimo, coloca-se uma antena para reforçar o sinal), ventilador, TV (muitas antenas parabólicas). Todos têm celulares, ainda que só haja sinal em cantos determinados, de conhecimento de todos. Há até uns poucos que acessam a internet. Os dois orelhões existentes estão em desuso. O jegue ainda é necessário (e por isso, eles ainda são muitos e são valorizados). As motos (a grande maioria, irregulares) são cada vez mais presentes e já são usadas até para tanger o gado. Os acidentes são igualmente frequentes. As roças de inverno reduziram-se a quase nada: as raras (e pequenas) são feitas por tratores e arados (via Associações de Moradores Rurais ou pagas do próprio bolso). A colheita do milho e feijão também se mecanizou. O sonho de todo jovem é arrumar um emprego na cidade: principalmente seus pais, imaginam que, via Escola/Estudo, isso se tornará possível. Entretanto, muito frequentemente, não se concretiza a tão sonhada “colocação” na cidade (também cheia de gravíssimos problemas). Passa então a imperar certo “desespero”. Bauman (2007, p. 40-41 apud LOBO 2011, p. 18) afirma que a “globalização negativa” cria um universo de ‘excedentes’ humanos que sequer servem para a reciclagem por meio das formações de mão de obra, fazendo crescer enormemente as taxas de migrações e os conflitos daí decorrentes”.

De fato, ao observarmos escolas da rede estadual em bairros periféricos de Feira de Santana/Bahia, verificamos que uma grande parte dos alunos veio de outros Municípios “em busca de uma vida melhor”. Entretanto, a constatação é de que esses alunos e suas famílias vivem gravíssimos problemas sociais, especialmente o desastroso convívio com as drogas e a violência. Ainda, segundo Lobo (2011, p. 19):

A mundialização do Capitalismo tornou global também suas crises inerentes, tais como: a crise ecológica, da ética e de valores, e uma severa crise cultural, em que o gigantesco volume de informações assume o lugar do conhecimento, submergindo vorazmente os saberes tradicionais e populares.

Vale salientar como seu Pedro, analfabeto, foi capaz de perceber e expressar tão claramente todas essas situações. Aliás, na prosa de toda tarde, “nas porta da venda”, como usam falar, todos têm e expressam basicamente essas mesmas percepções.

A Seca, como fenômeno cíclico e climático natural persiste, mas não tem mais aquela força simbólica poderosa e trágica sobre o imaginário e a cultura: marcava na carne e na alma, matava gado e pessoas. Entretanto, novos problemas apareceram, como as drogas e a violência. Restou um vazio populacional e a quebra total dos mecanismos que geravam aquela cultura popular sertaneja.

O que se vê hoje são sedes de antigas fazendas fechadas (com seus donos, geralmente, já os herdeiros dos proprietários originais, residindo em Feira de Santana ou Salvador), idosos saudosistas e jovens consumidores finais de *reggae*, arrocha, pagode etc. sonhando em se mudar para a cidade grande. Exemplo disso é que, nos últimos dois anos, teve que se buscar fora, na vizinhança (na Pedra Grande, caminho de Sete Portas) uma rezadeira para o Caruru de D.

²⁹ Pôni: milho botado de molho na água, de véspera, para ser pisado no pilão, peneirado e fazer o cuscuz. O sertanejo desenvolveu uma habilidade extraordinária para pisar o milho de fazer o cuscuz: pisava-se sozinho, em dupla ou em até três pessoas de uma só vez num mesmo pilão.

Maria. Resta perguntar: Com a morte dos últimos sanfoneiros desta região as novas gerações não conhecerão um forró pé-de-serra ao vivo? Não se verá mais um Caruru de Promessa com suas rezas e seu samba? Não se verá nunca mais um Reis e sua Música? Perder-se-á para sempre toda uma riqueza poética e uma musicalidade sertaneja carregada de valores culturais e estéticos? Quais os rumos que tomará a cultura popular do povoado?

O Poder Público poderia ser peça-chave nesse processo, já que pela Lei Municipal nº 1802/95, que criou a Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer, está entre suas finalidades Art. II

[...] I Apoiar, juntamente com o Conselho de Festejos Populares, todas as folclóricas e populares do Município; II Promover e organizar as atividades culturais e Artísticas centralizadas no Município mobilizando os meios necessários; III Preservar, situar, ampliar e divulgar o patrimônio histórico cultural e artístico do Município [...].

Há um grande destaque para a Micareta e as Festas Juninas, ambas completamente industrializadas. O Mercado de Arte Popular é um local de venda de duvidoso “artesanato”, mais precisamente de “lembrancinhas de viagem”. A UEFS – Universidade Estadual de Feira de Santana promove o Festival de Sanfoneiros e a Caminhada do Folclore. Consideramos o Festival demasiado estilizado, em forma de competição e espetáculo, acontece longe do alcance do “povoão”, no *campus* universitário. A Caminhada do Folclore vem a cada ano perdendo conteúdo: é um amontoado de grupelhos (alguns visivelmente artificiais, figurativos, de preenchimento, não se sabe ao certo os porquês de estarem colocados ali...), há uma enorme preocupação com a quantidade e com a mídia, mas poucos grupos são genuinamente representativos do Folclore regional. Se não houver mais folclore, como poderá haver Caminhada do Folclore? Se essas manifestações populares morrerem lá onde efetivamente acontecem como poderão ser exibidas numa avenida? Produzir artificialmente grupos ditos “Folclóricos” não é Cultura Popular. Cultura é Vida. É a vida dos povos, que vai sendo construída com a herança dos ancestrais e as criações e recriações do presente. Embora sejam, ambas, iniciativas importantes, não atingem ou são ineficazes para a preservação da cultura popular do povoado. Além do que, Arantes (1990) afirma que ao se produzir o espetáculo, cortam-se as raízes do que, na verdade, é festa, é expressão de vida e liberdade. Consideramos positivo para a cultura popular do povoado a criação do Grupo Cultural Lagoa D’Água em 2012.

O grupo cultural Lagoa D’Água: uma utopia “preservacionista”

Dentro desse contexto que viemos expondo, deu-se o surgimento (de modo “meio artificial”), em abril de 2012, de um movimento de motivação “preservacionista”. Os dois fundadores: Robson Clei dos Santos Lopes e João Evangelista de Lima tinham origem e motivação cultural comum: ambos nasceram na roça (o primeiro, lá mesmo em Lagoa D’Água, quando o lugar não tinha ainda o formato de povoado e; o segundo, no vizinho município de Santa Bárbara). E ambos “tinham pena de ver o forró pé-de-serra se acabar” quando viessem a falecer os dois ou três últimos tocadores de sanfona pé-de-bode.

A forma “meio artificial” decorre de como o grupo surgiu, “de fora para dentro”. O impulso e o dinheiro para começar foram patrocinados por um dos fundadores, não nasceu das inquietações e forças sociais dos próprios moradores. Lançada e aceita a ideia, compraram-se alguns instrumentos, fez-se alguns forrós na Rodoviária de seu Luiz, o grupo foi trazido a participar da XIII Caminhada do Folclore de Feira de Santana etc. Entretanto, havia um “choque de realidade”: Tocar forró pra quem? Tocar forró por quê? E onde? Percebia-se que aquilo que se

estava fazendo já não era mais a “Brincadeira” do passado na casa dos amigos e compadres... o mundo mudara demais. “Descongelar” o passado e dar-lhe mera continuidade? Isto se mostrou algo impossível. Havia alguma descrença. Entretanto, sempre aparecia muita gente nos forrós. A princípio, as pessoas ficavam meio desconfiadas, somente assistindo. Gradativamente, começaram a dançar: exceto os rapazes, que até hoje só assistem de fora. Pouquíssimos se arriscam a chamar uma moça para dançar. Aliás, a constituição das mulheres por idade, parece estar desequilibrada: são crianças, meninas pré-adolescentes, senhoras (mães) e idosas. O que é (ou era) visto socialmente como “moças” são raras, pois migram para as cidades: Candeias, Salvador ou Feira de Santana, mal concluem o ensino médio (na sede do Distrito). Novos atores se agregaram ao grupo (Galego, um despojado cantador e tocador de triângulo, do Rio do Peixe, um outro, meio “zabumbeiro profissional”, um pandeirista boêmio, um velho tocador de violão, todos moradores de fora do povoado). Decidiu-se apostar no antigo sentido da “Brincadeira” e passou-se a fazer vários eventos com este espírito: Feiras de cacareco, Feirinha de plantas de quintal, um concurso chamado “Jovem Cantor”, uma Corrida de Jegue. Fez-se um Passeio à Praia propositadamente para o lazer e a integração. Tudo isso, sempre com um forrozinho. Tentou-se formar novos forrozeiros (jovens) patrocinando a vinda de um menino para a Oficina de Acordeom do CUCA/UEFS (ele desistiu no 2º semestre) e, posteriormente, criando-se uma espécie de “escolinha” de iniciação ao forró pé-de-serra (deu-se lhe o nome de “Tunica”, uma referência dos tempos “áureos” das brincadeiras no lugar). A avaliação não é muito positiva. Não se consegue atrair os jovens. Ainda não se sabe o que acontecerá. Todos os esforços e iniciativas têm dado poucos resultados nessa proposta de formar forrozeiros jovens. Eles, os mais velhos, falam em “dar murro em ponta de faca”. Agora, em abril de 2014, durante a comemoração dos dois anos da criação do Grupo, conseguiu-se fazer uma pecinha de teatro (de improviso) com gente do lugar, além, é claro, do forró. Foi preciso recuperar o telhado da Rodoviária e melhorar o aspecto da Venda de seu Luiz (funciona como a “sede” do grupo). Os custos chegaram a nove mil reais (excluindo-se os eventos, que foram autossustentáveis). A continuidade (e os caminhos, se houver), são totalmente incertos.

Considerações finais

A criação de um Grupo Cultural no povoado há dois anos, deu-se por “pena de ver o forró pé-de-serra se acabar”. O desenrolar dos fatos, entretanto, foi demonstrando que a mentalidade puramente “preservacionista” não ajudava muito. Aquelas ideias de que a cultura dita “popular” teve seu auge sempre no passado e que está em eterno desaparecimento, de que seria folclore, resíduo da cultura culta de outras épocas ou de que forró pé-de-serra é coisa de velhos, coisa do passado, antiquado, fora de moda, além de incomodar demais, não ajudavam em nada. Principalmente, não combinavam com a riqueza cultural observada no dia a dia da vida dos moradores. O próprio nome do grupo parecia “pomposo” demais. No máximo, o que seus participantes podiam enxergar ali, era um “grupinho de forró”. A experiência, entretanto, foi se revelando criadora, dinâmica, gerativa, integradora, complexa, possuidora de conflitos e contradições, viva, mesmo. Intuitivamente, foi se percebendo que não é possível realizar sem o ato de construir e reconstruir.

Ao confrontar as observações diretas e as narrativas de memória dos moradores do povoado com alguns conceitos teóricos propostos no início deste trabalho ficou mais fácil entender os processos de formação da identidade cultural do lugar. Aí nos deparamos com o intrigante questionamento: Se este povo tem uma herança cultural tão interessante, tão rica, tão expressiva, tanto nos seus fundamentos históricos, míticos, antropológicos quanto na beleza estética de suas expressões culturais por que temos hoje essa realidade? Por que chegamos a esse estado

de destruição cultural?

Hall (2011) indica o caminho para as respostas: É um processo ativo, avassalador e intencional de marginalização da cultura popular para atender exigências e necessidades do capitalismo industrial e financeiro. Os relatos e os fatos da vida dos moradores só comprovam essas afirmações! As secas realmente tangeram gente para São Paulo, Salvador e Região Metropolitana e por último para a sede do município. Mas, dados os devidos descontos da história econômica e social do Nordeste brasileiro, com quase três séculos de economia escravagista, monocultura açucareira, ciclo do gado, coronelismo, concentração da terra desde o início da colonização, temas estes que não foram tratados aqui por não serem objeto de nosso estudo, quase tudo é fruto da tal marcha para o “progresso” e para a “modernização”.

A gênese dessas manifestações, se branca portuguesa, negra dos escravos trazidos da África, se indígena dos prováveis habitantes originais ou de um caldeirão dessas misturas, precisava ser investigada. O melhor exemplo disso é o Caruru de Promessa, tem traços predominantes da cultura negra, reza-se para os santos da cultura branca católica portuguesa e, dá-se “Cabôco”, traço tipicamente indígena. Acreditamos que a região é ainda uma desconhecida “ilha” de cultura popular, provavelmente pelo seu relativo isolamento geográfico e distância da sede. Há indícios da existência de, ao menos uma comunidade quilombola (não estudada), localizada às margens do Rio do Peixe, dentro ainda dos limites do distrito de Jaguará, denominada “Fazendinha” e cujo “clã” mais conhecido são “os Tobias”. Há uma gama significativa de palavras que parecem endêmicas do lugar como: criangu (um matinho conhecido em outros lugares por pega-pinto), malunga (matagal rasteiro), pau-de-fuso (calumbi), Quiji (nome rejeitado, não se sabe porque, pelos moradores da localidade Riacho do Ouro), dango etc. Consideramos isso uma curiosidade linguística. Merecia ser estudado. Lá, existem muitas outras histórias maravilhosas que não foram exploradas aqui (como as relacionadas com os mitos da “mãe d’água”, caipora e lobisomem) e que poderiam e deveriam ser usadas no sistema escolar, como defendeu Setubal (2008), possibilitando aos jovens se reconhecerem nessas histórias e poderem articular o passado e o presente, o local e o global, e reforçarem sua identidade cultural.

Esperamos que este trabalho tenha contribuído para melhor conhecimento e compreensão deste universo cultural e possa servir de motivação para o estudo da situação em outros pontos do Município, como no vizinho povoado de Morrinhos que, guarda ainda vivas, muitas dessas manifestações culturais. Feira de Santana precisa urgentemente conhecer, valorizar e preservar o enorme patrimônio cultural que tem.

Entrevistas

Antonia Barbosa Magalhães. Concedida em: 8 dez. 2012.

Genicarlos de Oliveira Lima. Concedida em: 14 nov. 2012.

Gilberto de Oliveira. Concedida em: 20 abr. 2014.

Luiz de Oliveira. Concedida em: 8 dez. 2012.

Maria Sebastiana de Jesus Santos. Concedida em: 20 abr. 2014.

Pedro Menezes de Jesus. Concedida em: 20 abr. 2014.

Regis Antonio dos Santos. Concedida em: 8 dez. 2012.

Referências

ARANTES, Antonio Augusto. **O que é cultura popular**. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARIZPE, Lourdes. **As dimensões culturais da transformação global**: uma abordagem etnográfica. Brasília: UNESCO, 2001.

ASSMAN, Jan. **Memória Cultural**: o vínculo entre passado, presente e futuro. Conferência realizada no Brasil entre os dias 15 e 21 de maio 2013. Disponível em: <www.iea.usp.br/noticias/memorias-cultural>. Acesso em: 9 abr. 2014.

FARIAS, Edson. Alguns apontamentos sobre o dueto memória e modernidade. In: ALVES, Elder P. Maia (Org.). **Políticas Culturais para as culturas populares no Brasil contemporâneo**. Maceió: EDUFAL, 2011.

FERNANDES, Francisco. **Dicionário Brasileiro Contemporâneo**. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1969.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. **Da diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

HUNTINGTON, Samuel P. **O choque de civilizações**: a recomposição da ordem mundial. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LOBO, Tancredo. **Sonhos como projetos de vida**. Fortaleza: Boa Ventura, 2011.

MAURICIO, Maria L. A. **ABOIO, o canto que encanta**: uma experiência com a poesia popular cantada na escola, 2006, 95 f. Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Centro de Ciências Humanas Letras e Arte, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2006. Disponível em: <www.cchla.br/ppgl/imagens/MariaLaura.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2014.

MELO, Elomar Figueira. **Xangai canta cantigas, incelenças, puluxias e tiranas de Elomar**. CD Kuarup Discos, 2014.

NEVES, Erivaldo Fagundes. **História regional e local**: fragmentação e recomposição da história na crise da modernidade. Salvador: Arcádia, 2002.

PITOMBO, Mariela. A diferença como bem universal: a noção de diversidade cultural no discurso da UNESCO. In: ALVES, Elder P. Maia (Org.). **Políticas culturais para as culturas populares no Brasil contemporâneo**. Maceió: EDUFAL, 2011.

Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Lazer. Lei nº 1802/95. Modifica a estrutura organizacional da prefeitura municipal de Feira de Santana, e dá outras providências. Disponível em: <<http://www.feiradesantana.ba.gov.br/secretaria>>. Acesso em: abr. 2014.

SETUBAL, Maria Alice. Patrimônio Cultural: memória, saberes e conhecimento. In: **Almanaque um olhar sobre São Miguel Paulista – manifestações culturais, ontem e hoje**. Fundação Tide Setubal, 2008. Acesso em: <www.ftas.org.br/midia/artigo_258.pdf>. Acesso em: 9 abr. 2014.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das letras, 1998.

Artigo recebido em 15/06/15. Aceito em 17/08/15.
